

“A Condição Juvenil Portuguesa no virar do século: diversidades sociais, modos de vida e consciência histórica”

Jovens em trajecto de “exclusão social”

António Maia et al. (1)

RESUMO: Os jovens incorporam um grupo social a que, presentemente, corresponde uma fase de vida prolongada, social e estruturalmente transformada, marcada pela transitoriedade e ambiguidade, recobrando uma diversidade de situações que importa pesquisar e interpretar, nomeadamente quando algumas das trajectórias para a vida adulta coincidem com trajectórias de **exclusão social**. O fenómeno da exclusão social adquire uma cada vez maior relevância e parece tocar uma parte significativa dos jovens em Portugal, confrontados com a modernização da sociedade e com mudanças recentes da própria condição juvenil. Quais os factores que podem interferir e condicionar as trajectórias de vida de jovens com consumos de drogas? O consumo de substâncias poderá funcionar como um contexto particular de socialização por falência de outros processos “normativos”, ou pode ser percebido como uma forma nova de integração no próprio universo juvenil que legitima um sistema de valores próprio? Que significados e representações poderão assumir a toxicodpendência no feminino e no masculino sendo este último o universo mais representado?

Palavras Chave: Juventude; Exclusão Social; Valores; Representações Sociais; Consciência Histórica; Toxicodpendência; Sexualidade.

RÉSUMÉ: Les jeunes appartiennent à un groupe social correspondant, aujourd'hui, à une phase de vie prolongée, transformée du point de vue structural et social, marquée par la transitorité e ambiguité, contenant en soi une diversité de situations qu'il est important d'investiguer et d'interpréter, notamment au moment où les trajectoires vers la vie adulte coïncident avec des trajectoires d'**exclusion sociale**. L'exclusion sociale acquiert de plus en plus une plus grande importance et paraît arriver à toucher une partie significative des jeunes au Portugal, en présence de la modernization de la société et des changements récents de la condition juvenile elle même. Quels sont les facteurs qui peuvent interférer et conditionner les trajectoires de vie des jeunes usagers de drogues? L'usage de substances pourra-t-elle fonctionner en tant que contexte particulier de socialization par faillite d'autres procès “normatifs”, ou peut elle être aperçue en tant qu'une nouvelle forme d'intégration dans l'univers juvénil lequel légitime un système propre de valeurs? Quels sont les significations et les representations que la toxicomanie au féminin et au masculin peut assumer étant ce dernier l'univers plus représenté?

Mots Clé: Jeunesse; Exclusion Sociale; Valeurs; Représentations Sociales; Conscience historique; Toxicomanie; Sexualité.

ABSTRACT: Young people embody a social group currently corresponding to a phase of lengthened life, socially and structurally transformed, marked by transitority and ambiguity, comprehending a diversity of situations that is important to investigate and explain namely when some trajectories to adult life are coincident with **social exclusion**. Social exclusion is more and more relevant and seems to reach an important part of portuguese young persons, faced to society modernization and juvenile condition recent changes. Which factors may interfere and stipulate young drug users life trajectories? Can drug consumption be considered a special context of socialization due to failure of other “normative” procedures, or can it be understood as a new way of integration in juvenile universe which legitimates a special system of values? What meanings and representations may female and male drug addiction assume being the last one the most represented universe?

Key Words: Youth; Social Exclusion; Values; Social Representations; Historical Conscienciousness; Drug Addiction; Sexuality.

1. O Projecto

O projecto de investigação em curso, "A Condição Juvenil Portuguesa no virar do século: diversidades sociais, modos de vida e consciência histórica" pode definir-se cronologicamente em dois momentos diferentes. Iniciou-se no primeiro trimestre de 1995 com a candidatura ao Programa PRAXIS XXI (programa integrado no II Quadro Comunitário de Apoio co-financiado pela União Europeia e pelo Estado Português).

Começa em 1997, após um atraso significativo por parte da entidade promotora no processo de avaliação das diferentes candidaturas. A aprovação surgiu num contexto de alterações significativas das condições de apoio dadas pela entidade promotora, o que implicou uma reformulação dos objectivos inicialmente desenhados transformando-se o projecto inicial numa investigação sobre "Jovens em trajectos de exclusão social", tendo ficado assegurada a continuidade dos dois momentos pela manutenção da componente da "consciência histórica". A alteração mais significativa foi de carácter metodológico já que à ideia inicial de um inquérito a nível nacional se sucedeu um estudo de cariz qualitativo.

Este projecto de investigação resulta da articulação de diferentes instituições e equipas de investigação. Liderado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa conta ainda com a participação do Grupo de Ecologia Social do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, do Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, da Associação para o Planeamento da Família e do Gabinete de Prevenção da Toxicodependência da Câmara Municipal de Lisboa. Tem como coordenador científico o Professor José Machado Pais.

1º Momento: Ponto de Partida

A condição social juvenil pode constituir-se como "barómetro" da situação e evolução global das sociedades. O sentimento subjectivo dos jovens em relação a algumas dimensões da vida social pode ser interpretado como um rascunho significativo dos sentidos de vida da sociedade futura. Esta ideia dá suporte e torna pertinente um projecto de investigação sobre a condição juvenil portuguesa no virar do século problematizando-a a partir das suas diversidades sociais. À homogeneidade de uma categoria pré-

-construída da "juventude", pretendemos contrapor a diversidade das suas formas, das suas afiliações sociais, dos seus modos de existência, em processos de socialização que se configuram de um modo cada vez mais complexo, plural e diferenciado.

Num contexto social em complexidade crescente importa dar conta das diversidades sociais que caracterizam a actual condição social juvenil e que cada vez mais justificam a "transversalidade" e flexibilidade das políticas de juventude. Variáveis sócio-estruturais como a condição de classe, o sexo e a região, determinam diferentes modos de vida, fazendo aparecer - à medida que os jovens se vão confrontando com diferentes processos de socialização, de controlo social e de mobilidade - um significativo número de exigências, de conflitos e de problemas sociais.

Se por um lado os jovens incorporam um grupo social a que corresponde uma fase de vida prolongada e estruturalmente transformada, por outro lado esse grupo social recobre uma diversidade de situações que importa pesquisar e interpretar, nomeadamente quando algumas dessas trajectórias para a vida adulta coincidem com trajectórias de exclusão social. Quais as razões sociológicas destes fenómenos? Quais os contextos sociais que os condicionam?

As teorias da pós-modernidade têm sublinhado o carácter crescentemente fragmentado e fragmentável do tecido social na sociedade contemporânea. Sabe-se que as representações sociais, os valores e as memórias históricas tendem a diluir-se quando fluem em processos de socialização pluralista e diferencialista, tendo também como efeito múltiplas rupturas materiais e simbólicas que conduzem à exclusão social. Sabe-se ainda que os jovens constituem uma das condições sociais mais afectadas por este processo.

Que relação ou relações se poderão estabelecer entre dois vectores sociais: a ressonância dos valores e do passado histórico nos "lugares de memória" das jovens gerações e os processos de risco ou exclusão social que na sociedade contemporânea muitos jovens vivem? Este constitui-se como o principal eixo problemático do projecto de investigação.

Os valores sociais mudam recombinando-se num movimento permanente entre passado e presente, indivíduos e instituições (formais e informais). Nesse fluxo, as novas gerações constituem-se como uma vanguarda muitas vezes em confronto com os guardiões de uma tradição assumida pelas velhas gerações.

Na sociologia clássica as teorias do equilíbrio social em que repousa a coesão dos agregados humanos depende da dominância e transmissibilidade das representações sociais. Neste pressuposto Durkheim procurou perceber a influência da consciência colectiva e a sua função modelizadora sobre a natureza dos laços sociais. Para este autor a anomia representa a desagregação de valores e a ausência de referências no plano das representações sociais. Esta situação de anomia pode levar à experimentação de novas vivências sociais revestidas de formas parassacras. É o que parece acontecer com alguns jovens, ao sacralizarem (formas de valorização) a sexualidade, a droga, ou as identidades grupais e ao assumirem trajectórias de exclusão social.

Qual a relação entre determinadas condutas juvenis de "risco" ou anómicas e a ordenação que os jovens fazem das temporalidades sócio-históricas? E qual a influência dessa ordenação ideológica ao nível das formas de adesão e filiação sociais e culturais entre os jovens?

Para encontrar algumas hipóteses explicativas o projecto inicial propunha uma divisão em dois módulos de investigação.

1.1 Módulo de investigação I

"Valores, Novos modos de Vida e Condutas de Risco"

Neste primeiro módulo de investigação exploram-se algumas novas realidades que poderão estar a reconfigurar novos aspectos da condição social juvenil, no virar deste século. O principal instrumento metodológico a que se recorrerá é o de um **Inquérito** aos jovens portugueses, baseado numa amostra representativa, com as seguintes vertentes problemáticas:

- Valores societais
- Mobilidade e exclusão social
- Identidades e relações intergrupais
- Percepções inter-étnicas
- Comportamentos sexuais
- Consumos e comportamentos desviantes

Um importante eixo problemático transversal a todas estas vertentes diz respeito aos processos de precaridade, vulnerabilidade e desfiliação social em que muitos jovens vivem. Estes jovens constituem-se como um grupo de risco que nos propomos analisar numa perspectiva de prevenção de perturbações emocionais, sem nos envolvermos

numa sociologia dominada pelas teorias da «etiquetagem» e da «estigmatização», centradas na noção de «desvio».

• A vertente dos **valores societais**. Mais estáveis, coesos, duráveis e resistentes à mudança do que as atitudes - é essencial para percebermos algumas trajectórias de exclusão social e condutas de risco juvenis. Enquanto expressão de sistemas organizados que dão forma às dimensões culturais da sociedade e aos sistemas de disposições e orientações interiorizadas pelos indivíduos (Almeida, J.F., 1990), os valores permitem-nos perceber alguns dos importantes factores incentivadores e protectores da exclusão social. Na procura de elementos que permitam a construção de Programas de Prevenção Primária de Comportamentos Desviantes, importa procurar, então, as relações entre os valores pessoais ou de grupo e as práticas sociais.

É importante conhecer como se definem as territorialidades dos grupos/bandos de jovens. Por exemplo, quais os espaços sociais compartilhados e as condicionantes das relações e amizades entre os jovens? Quais os valores que funcionam como suporte de factores protectores dos comportamentos desviantes? Existirão valores políticos, ambientais e sociais específicos a diferentes grupos juvenis, de acordo com a sua situação face à dependência de drogas, exclusão social e pertença a etnias, quando esses grupos são confrontados com a população juvenil em geral? Será que nas redes de jovens excluídos e com comportamentos «desviantes» se assiste a um empobrecimento dos seus vínculos às instituições que têm importância na criação de normas e transmissão de valores? Há um empobrecimento afectivo e relacional dos jovens pertencentes a grupos considerados isolados?

Este tipo de interrogações sugere a necessidade de articulação entre sistemas de valores e representações, por um lado, e práticas sociais, por outro, na tentativa de explorar em que medida os valores são susceptíveis de funcionar como preditores das atitudes e comportamentos.

Espera-se, a partir desta vertente de análise, encontrar mecanismos que ajudem os jovens a desenvolver as suas capacidades pessoais e relacionais, através da aquisição de novas competências sociais.

• **Mobilidade e exclusão social**. Saber em que medida o processo de democratização e modernização económica se tem traduzido numa significativa mobilidade ocupacional intergeracional, podendo essa mobilidade resvalar para

itinerários de exclusão social, uma vez que jovens de diferentes condições sociais parecem, de acordo com os Inquéritos até agora realizados, conjuntamente rejeitar o fenómeno de desemprego e o processo de transição para a vida activa. Os *modelos de socialização tradicional* vêm-se substituídos por *modelos mediáticos*; os jovens da última década são os jovens da crise do Welfare-State, crise que acompanha as modificações do mercado juvenil e as políticas recentes de flexibilidade laboral. Neste quadro de tendências recentes, alguns jovens parecem adoptar uma atitude de rejeição ao processo de integração tradicional no mundo do trabalho, enquanto outros se envolvem em trajectórias de dessocialização ou exclusão social, que merecem, sem dúvida, ser devidamente pesquisadas.

Havendo, entre os jovens, um alargamento dos campos sociais e ideológicos de referência, os valores apreendidos a nível familiar são confrontados com outros valores e modos de vida apercebidos no âmbito da escola, ou por via da imprensa, da televisão, etc. O cruzamento destes diferentes campos sociais e ideológicos de referência favorecerá, provavelmente, desejos de mobilidade, níveis superiores de aspirações, a tomada de consciência das desigualdades e barreiras sociais, a própria mudança das coordenadas sociais e contextuais em relação às quais os jovens se situam.

A «juventude» já não constitui apenas uma «herança» transmitida pela família; é também uma condição que se adquire e vivencia individualmente sendo um universo de heterogeneidades e indeterminações.

A população juvenil encontra-se mais escolarizada, mas nem por isso menos sujeita ao perigo da *exclusão social*. O aumento da escolarização terá suscitado expectativas de *mobilidade social* difíceis de concretizar, para uma parte significativa dos jovens, nas actuais condições de mercado de trabalho. Apesar de Portugal continuar a ter uma taxa de escolaridade bastante inferior à média europeia, a tendência tem sido para a aproximação; mas os efeitos do aumento da escolarização repercutem-se nas expectativas de mobilidade social e em sentimentos de frustração ou exclusão social, sempre e quando essas expectativas não se concretizam. Por outro lado, as transformações do mercado de trabalho juvenil, ao longo das duas últimas décadas, têm excluído do mercado de trabalho (não clandestino) os menos diplomados do sistema de ensino.

O que mais pesa na transição dos jovens da escola para o

trabalho? As suas habilitações escolares ou origens sociais? Os seus projectos ou trajectos? As mudanças socio-económicas ou as estratégias de recrutamento dos empregadores? Neste contexto, as trajectórias dos jovens da escola para o trabalho encontram-se numa verdadeira encruzilhada de destinos.

Os processos de mobilidade social parecem produzir duas gerações distintas: a dos jovens bem sucedidos e a dos socialmente excluídos. Quais os mecanismos que produzem estas distintas gerações? Como é que os diferentes jovens que as integram se vêem a si próprios e aos outros? Como reagem aos processos de mobilidade e exclusão social? Como vivem o presente e quais as perspectivas em relação ao futuro?

• **Identities e relações intergrupais.** O objectivo é descodificar os processos identitários entre os jovens portugueses, na suposição de que estes processos, em função da emergência de novos valores, sofreram e continuam a sofrer significativas transformações. Variáveis *situacionais e biográficas* (o sexo, a etnia, as trajectórias escolares ou a condição perante o trabalho) podem influir nestes processos identitários, à semelhança do que acontece com outras variáveis de natureza mais *contextual* (família, escola, classe social de origem, grupos de amigos, colegas de trabalho) indiciando diferentes grupos sociais de referência, com diferentes orientações normativas e comportamentais na génese de tais processos.

O desenvolvimento teórico e empírico a respeito das relações intergrupais tem convergido, nos últimos anos, num esforço integrativo de conhecimento. Os mais recentes contributos traduzem, no entanto, uma maior complexidade dos modelos de análise das relações intergrupais, através da articulação de variáveis ideológicas, situacionais e cognitivas (Escola de Genève). Partindo da noção clássica de *identidade* desenvolvida por Berger & Luckman (1976) a qual, intersectando as perspectivas *psicológica e sociológica*, coloca a descoberto as relações dialéticas entre indivíduo e sociedade, procuraremos também desvendar os modos de conjugação destas relações na formação das identidades juvenis, esforço que não se esgota na representação que os indivíduos fazem dos seus papéis, contemplando também as representações sobre os próprios grupos de pertença e a posição social por estes ocupada, factores que igualmente contribuem para as percepções individuais (comparação do próprio com o seu grupo de pertença).

A recuperação desta perspectiva analítica permitirá explorar, entre os jovens, a dimensão social dos grupos de pertença, sem perder de vista a ideia de que as representações associadas às pertenças grupais podem surgir no seio de contextos específicos, distintos e fundamentais na formação das culturas juvenis. Porém, essas representações inscrevem-se também em universos simbólicos comuns a esses grupos, diferenciando-os através de posições relativas e de diferentes modalidades de identidade social e identificação simbólica (Deschamps).

• **Percepções inter-étnicas.** Partimos de fortes indícios que apontam no sentido de um aumento crescente de intolerância face a minorias étnicas e imigrantes na Europa. Quer nos países historicamente vocacionados para a imigração, como sejam a França e a Alemanha, quer naqueles que recentemente a eles se juntaram, como sejam a Itália, Espanha e Portugal, as reacções discriminatórias, sejam elas individuais, sejam elas colectivas ou mesmo institucionais, têm vindo a revelar sentimentos, de certa forma negativos face à presença de grupos étnicos minoritários.

Em Portugal, ao processo de retorno que teve início com a independência das ex-colónias, quer de portugueses "continentais", quer de naturais dos territórios ocupados, acrescenta-se mais recentemente a vinda de um contingente apreciável de brasileiros. Portugal alberga ainda uma importante comunidade cigana que, de uma forma geral, não é objecto de atitudes positivas por parte da população branca, não só pelo modo de vida que os caracteriza, como pelos comportamentos delinquentes a ela, muitas vezes, associados. Refira-se ainda a presença de uma comunidade significativa de indianos, a possível presença, num futuro próximo, de imigrantes provenientes de Macau e, de algumas *hiper-minorias* de raiz urbana, como seja o caso dos romenos, que, apesar de não terem relevância numérica, adquirem, dada a sua especificidade, uma razoável visibilidade.

Assim, presentemente, somos um país de coabitação significativa de minorias étnicas quer do ponto de vista numérico, quer do ponto de vista do imaginário, quer de ambos. Estes grupos posicionam-se, em geral, nos estratos mais baixos da estrutura social, acumulando, frequentemente, níveis mínimos de escolaridade, habilitações profissionais pouco qualificadas, condições de habitabilidade mínimas, encontrando-se, por vezes desempregados

ou em situações de emprego precárias. Paralelamente, se a este conjunto de circunstâncias, associarmos a emergência de um sentimento de intolerância e de invasão de território, por vezes manifestado pela população portuguesa branca, cremos ser pertinente pensarmos que nos encontramos perante grupos em considerável risco de marginalização.

É de salientar o facto de muito poucos estudos terem sido efectuados em Portugal tendo como pano de fundo as minorias étnicas, não sendo conhecido nenhum que aborde a questão das atitudes e comportamentos dos jovens portugueses face a esses grupos, bem como a auto-percepção que os jovens membros de minorias étnicas têm sobre a sua inserção na sociedade portuguesa e o modo como se relacionam com os restantes jovens portugueses.

Os objectivos gerais desta vertente analítica desdobram-se na identificação e explicação das atitudes e comportamentos dos jovens, face às minorias étnicas fixadas em território português e, por outro lado, no estudo do modo como os jovens desses mesmos grupos percebem a sua inserção na estrutura social portuguesa, bem como o seu modo de relacionamento com os restantes grupos.

• **Comportamentos sexuais.** Exploraremos as atitudes, conhecimentos e práticas dos jovens num domínio de crescente interesse científico, nas últimas décadas. Entre os jovens, a sexualidade tem desempenhado funções estruturantes no desenvolvimento pessoal e social, mas ainda insuficientemente pesquisadas. A influência desta vertente no relacionamento inter-pessoal, quer em contextos intrafamiliares quer interfamiliares, fez emergir a importância de estudos que permitissem identificar com algum rigor as expressões da sexualidade ao longo do ciclo de vida, nomeadamente nas fases que correspondem à adolescência e à juventude. Por outro lado, a percepção de problemas relacionados com a saúde dos jovens, tais como as gravidezes indesejadas e o contágio de doenças sexualmente transmissíveis (SIDA, Hepatite B e outra) e a necessidade de se definirem projectos e programas preventivos, constituem outra justificação para o desenvolvimento desta vertente de pesquisa. Só conhecendo a realidade se poderá nela intervir de forma mais eficaz.

Nas décadas recentes, diversos estudos (Hass, 1979, Dreyer, 1982, Newcomb, 1987) têm acentuado as profundas e rápidas mudanças das práticas sexuais dos jovens, em sintonia com transformações nos contextos sociais

envolventes. Estas mudanças apontam para uma ruptura com os padrões morais tradicionais, uma maior precocidade na iniciação sexual (nomeadamente entre as jovens), e uma alteração de atitudes no sentido de uma compreensão e valorização mais liberal da sexualidade. Também no plano das vivências sexuais estas transformações se vão operando: uma maior tolerância social em relação aos costumes e estilos de vida sexual, a erotização dos universos mediáticos, as mudanças nos papéis sociais de género, o alargamento da frequência escolar e das práticas de co-educação são apenas algumas das características dos novos contextos sociais em que os jovens vivem a sua intimidade. Pressente-se ainda que a emergência do SIDA e as mudanças que este fenómeno provocou nas prioridades de saúde e campanhas de prevenção (que se destinam em grande parte aos jovens) podem ter acelerado as transformações referidas e ter alterado alguns dos seus conteúdos. No entanto, o conhecimento das consequências do aparecimento desta doença mortal ligada à sexualidade nas práticas e atitudes sexuais dos jovens carece ainda de aprofundamento.

Em Portugal, são escassos os estudos sobre este tema com uma dimensão nacional (IED, 1987; ICS, 1989; Lucas, 1992). No entanto, eles permitem perceber algumas importantes clivagens no âmbito das práticas e valores dos jovens na área da sexualidade. O rumo que essas clivagens estarão a tomar no contexto das mais recentes transformações ligadas à esfera das intimidades e afectividades é, no entanto, um rumo desconhecido e carece de investigação.

Assim, reconhecendo que as práticas e valores dos jovens face à sexualidade têm sido objecto de rápidas transformações, e que é escasso e, nalguns casos, desactualizado o conhecimento nesta temática, uma primeira linha de pesquisa será a de contribuir para precisar os sentidos e conteúdos destas transformações, numa perspectiva comparada com estudos anteriores. Nesta dimensão do estudo interessa compreender melhor a relevância da vivência sexual quer na esfera do relacionamento inter-pessoal dos jovens, quer na sua articulação a quadros de valores morais e sociais mais vastos. Por outro lado, e ainda relacionado com este primeiro objectivo, assume especial relevância o conhecimento do impacto da emergência do SIDA quer no plano das práticas sexuais, quer no plano atitudinal e moral dos jovens. Uma segunda linha de pesquisa estará orientada para a compreensão da diversi-

dade das atitudes e vivências sexuais entre os jovens. Por último, numa terceira linha de pesquisa, tentaremos conhecer as práticas juvenis no plano da saúde sexual e reprodutiva, nomeadamente a dimensão das práticas preventivas e dos comportamentos de risco, bem como o grau de recurso por parte dos jovens aos serviços de apoio existentes nesta área (serviços de saúde, espaços de atendimento e informação juvenil, linhas telefónicas de apoio e outras).

• **Consumos e comportamentos desviantes.** Trataremos de contemplar um conjunto de questões e indicadores sobre a *toxicodependência* e também sobre outros aspectos, que se considera poderem ter relação com maior risco face à possibilidade de início de consumos tóxicos ou até de um *comportamento dependente*.

Embora haja um número apreciável de jovens que se drogam, a verdade é que a maioria não o faz e que, numa perspectiva preventiva, é extremamente importante perceber quais são os factores que os diferenciam. Se tem havido uma certa preocupação com os factores etiológicos da toxicodependência, muitas vezes utilizando um modelo simplista de causalidade linear, não têm sido realizadas investigações que permitam perceber quais os factores que protegem os jovens que não se drogam.

Interessa perceber também que significado pode ter o início dos consumos tóxicos como processo de socialização e tentativa de autonomização em relação à família ou como processo de compensação de expectativas precocemente frustradas ou, ainda, como processo de recusa das responsabilidades da vida adulta. Não é possível continuar a encarar a toxicodependência como um fenómeno individual, esquecendo que as suas características de epidemia apontam para outro tipo de abordagem.

A toxicodependência atinge em Portugal os mais variados estratos sociais, as classes superiores e as camadas mais baixas e mesmo as várias minorias étnicas (cabo-verdianos, ciganos, etc.). Mas será que as causas, os processos e o significado são os mesmos? Todas as estatísticas indicam que o número de toxicodependentes masculinos é muito superior ao das raparigas toxicodependentes, apresentando-se, com frequência, na proporção de 4/1. Os terapeutas de toxicodependentes interrogam-se sobre se as toxicodependências masculinas e femininas têm o mesmo significado e se não é sempre mais difícil recuperar uma mulher. Qual a relação deste facto com a forma como o ser homem e o ser mulher são encarados socialmente?

Em resumo, os objectivos desta vertente orientam-se para a identificação de situações que possam ser relacionadas com a toxicod dependência, de forma a contribuir para a descoberta de factores de *risco* e de *protecção* no que respeita aos consumos tóxicos. Procuraremos ainda investigar a relação entre as situações de toxicod dependência e a ausência ou diminuição de um conjunto de factores considerados protectores (auto-estima, capacidade de relacionamento afectivo, capacidade de organização do tempo, projecção em relação ao futuro). Finalmente, procuraremos ainda perceber os factores específicos de risco da toxicod dependência na população feminina e masculina. Em conjunto, pensamos que os resultados da investigação contribuirão para que os Programas de Prevenção Primária da Toxicod dependência possam ter uma base científica que lhes permita serem mais eficazes.

1.2. Módulo de Investigação

“A Consciência Histórica dos Jovens Adolescentes”

Num segundo módulo de investigação (*A Consciência Histórica entre Jovens Adolescentes*), procuram-se descobrir os mecanismos sociológicos no processo de formação da consciência histórica entre os jovens adolescentes, aproveitando a oportunidade de nos integrarmos num projecto de pesquisa que envolve cerca de trinta países europeus, com o objectivo de obter um melhor conhecimento, valorização e preservação do património cultural do país. De facto, numa época de apregoada crise de valores e desenraizamento social, - e as novas gerações serão das mais afectadas -, consiste este módulo de investigação na pesquisa de conexões entre as **formas como os jovens adolescentes interpretam o passado, percebem o presente e antecipam o futuro.**

A «consciência histórica» é uma manifestação do que Durkheim designava por «consciência colectiva», que se traduz por forças sociais favorecedoras da ligação dos indivíduos entre si e de cada um destes à colectividade, problemática que tem preocupado autores tão distintos quanto Jean-Jacques Rousseau (*Du Contrat Social*) com o conceito de «vontade geral»; Gilbert Durand (*Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*), com o conceito de «inconsciência colectiva»; ou Serge Moscovici (*Psychologie Sociale*) com o conceito de «representações sociais». *A densidade memorial* da consciência histórica pode ser um

indicador de consistência e reprodutibilidade social entre as gerações, da mesma forma que a «densidade moral» designava, para Durkheim, o grau de coerência de uma «representação colectiva». Ora, o desafio do ensino repousa, em grande parte, na responsabilidade de se saber o que se transmite, e se o que se transmite é também um saber que tende a perpetuar a experiência humana considerada como «histórica», isto é, tudo o que é vivido, pensado, produzido e susceptível de ser virtualmente comunicável e memorável, a partir de cristalizações de saberes cumulativos que, de alguma forma, se vão transmitindo e formando uma consciência social que também é histórica - memória viva, incessantemente reactivada; mas também olvidada, permanentemente ameaçada: fios precários de cuja união resulta o tecido que abriga as continuidades intergeracionais e a própria reprodução social. As identidades sociais não se formam apenas horizontalmente, por referência a experiências compartilhadas, mas também verticalmente, por alusão a lugares de filiação que se enraizam num passado histórico comum. Mais uma razão para investigarmos, entre os jovens, aspectos vários da mobilização memorial e articulações decorrentes entre a construção social da identidade juvenil e os mecanismos individuais de interiorização do passado histórico por parte dos jovens.

2º Momento - Do que ficou...

2. “JOVENS EM TRAJECTOS DE “EXCLUSÃO SOCIAL”

2.1. A Problemática

Face aos crescentes problemas resultantes do desemprego e de dificuldades crescentes ao nível de uma inserção profissional (parecendo afectar particularmente os jovens), do difícil acesso a habitação própria, novos modelos de conjugalidade e de vivência da sexualidade, dos consumos como padrão de vida, o fenómeno da exclusão social adquire uma cada vez maior relevância.

Procurar apreender o fenómeno a partir da sua dimensão social e das mudanças recentes da condição juvenil e não como um insucesso ou incapacidades de natureza individual. Um conjunto diferente de factores que importa inventariar, parece afastar os jovens dos sistemas tradicionais de apoio oficial/institucional o que leva a dois tipos de conse-

quências: a exclusão entre os jovens é subavaliada pelas estatísticas oficiais; não se podendo influenciar as condições sociais em que vivem esses jovens também a sua desintegração não pode ser prevenida.

2.2. Objectivos

Pretende-se clarificar as condições ou determinantes sociais de jovens vivendo em diferentes contextos de exclusão social:

- a) mostrando e questionando as formas de exclusão social que actualmente se desenvolvem na sociedade portuguesa, afectando particularmente os jovens;
- b) descrevendo os contextos biográficos e sociais associados às condições de exclusão;
- c) pesquisando as estratégias de sobrevivência entre estes jovens;
- d) debatendo acções sócio-políticas que melhor previnam a exclusão.

Procuraremos explorar os quadros de vida de jovens relativamente “desenquadrados” e o modo como esses jovens produzem e percebem esses mesmos quadros de vida, as suas identidades e relações de pertença. Esses quadros de vida serão eminentemente urbanos ou existirão outros referenciais (étnicos, rurais, etc.)? Que relações existirão entre os processos de dessocialização que atingem os jovens em trajetórias de exclusão com processos de ressocialização nesses mesmos grupos que assegurem por um lado a sobrevivência ou a inovação em rotas de exclusão?

Na análise dos quadros de vida em que se desenvolvem trajetórias de exclusão social consideraremos duas dimensões:

- **uma dimensão objectiva:** descrevendo estatutos, posições ocupadas, ascendências familiares, capitais culturais herdados, sociografias de base que nos permitirão ver até que ponto os horizontes de futuro dos jovens expressarão sobretudo o seu passado;
- **uma dimensão subjectiva** que nos permita uma aproximação qualitativa à construção dos quadros de vida dos jovens ditos desenquadrados

2.3. Metodologia

Metodologicamente optou-se por investigar jovens em trajetórias de exclusão social, mas em diferentes cenários sociais ou vivendo diferentes problemáticas. Assim, o universo de estudo contempla jovens nas seguintes circunstâncias de vida:

- jovens mães que tiveram gravidezes indesejadas e que vivem uma situação de estigmatização social (mães solteiras);
- jovens que se encontram afectados pelo Sida e cuja vida sexual (e não só) reflecte uma dramatização quotidiana (sexo sem nexos);
- jovens pertencentes a etnias negras e cuja negritude se reflecte nos seus modos precários de vida (vidas negras);
- jovens que se envolvem em condutas de risco (consumo de álcool, velocidade excessiva, etc.) e que protagonizam situações de “violência gratuita” (“disbundas” grupais);
- Jovens que em fases diferentes e por motivos diversos se “agarraram” ao consumo de diferentes substâncias (drogas de vida);
- jovens que, excluídos dos circuitos formais e tradicionais do mercado de trabalho recorrem a diversas estratégias de sobrevivência que vão de “biscates” a pequenos furtos (expedientes de vida).

Estes diferentes cenários onde parecem jogar-se trajetórias de exclusão podem ser interpretados como retratos de uma condição social que envolve jovens em situação de precariedade. A metodologia orientadora da análise pode descrever-se em termos muito simples: recorre-se à explicitação (retratação) de diversas trajetórias de exclusão social com dois grandes objectivos:

- 1 quanto mais uma realidade é retratada e de diferentes ângulos maior é a probabilidade de ser apreendida (snapshots na perspectiva de Simmel);
- 2 decompondo uma realidade na forma como ela nos é apresentada espontaneamente, em fragmentos e recombinando-os, poderemos, dessa nova construção, apreender todo o seu sentido (as “collages” de Lévi-Strauss).

Metodologicamente pretende-se decompor a realidade para melhor a compreender: a realidade da exclusão social juvenil poderá ser melhor captada explorando diversas trajectórias de exclusão social. Numa perspectiva de transversalidade procurar-se-ão as invariantes na diversidade das manifestações juvenis.

2.4. Procedimentos qualitativos da pesquisa

A amostra de estudo é de natureza teórica e compreende três dimensões:

- Observação *in situ*, acompanhando os jovens em trajectórias de exclusão e apreendendo a realidade através das interacções entre o investigador e quem investiga;

- Observação flutuante
- Entrevistas aprofundadas (individuais e em grupo) gravadas, transcritas e sujeitas a uma análise de conteúdo.

António Maia et al.

Contacto:
 CAT de Xabregas
 Rua de Xabregas, 62
 1900 Lisboa
 Tel: 861 04 79

NOTA

(1) Este trabalho apresentado no contexto do "Seminário sobre a investigação em Ciências Sociais e Humanas sobre o Consumo de Drogas" resulta do trabalho produzido por uma equipa em que participam: Prof. José Machado Pais (coordenador científico), Prof. Jorge Vala, Prof. José Gameiro, Dr. Nuno Miguel, Dr. Duarte Vilar, Dra. Ana Micaela, Dra. Maria do Carmo Gomes, Dra. Sheila Khan, Dra. Rosa Almeida, Dr. Pedro Antunes, Dra. Maria do Carmo Sanches, Dr. Humberto Martins, Dra. Margarida Rebelo, Dra. Ana Dantas.

B I B L I O G R A F I A

1. Inquéritos IED (1983) e ICS (1987);
2. ROBERTS, K., *School Leavers and their Prospects*, Open University Press, Milton Keynes, 1984;
3. PERCHERON, A. e RÉMOND, A. (Eds), *Age et Politique*, Paris, Ed. Economica, 1991;
4. BRAKE, M., *The Sociology of Youth Culture and Subcultures*, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1985;
5. BRAKE, M., *Comparative Youth Subcultures*, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1985;
6. GALLAND, O., *Les Jeunes*, Paris, Éd. Découverte, 1985;
7. GALLAND, O., *Sociologie de la Jeunesse. L'entrée dans la vie*, Paris, Armand Colin, 1991;
8. PAIS, J. M., *Culturas Juvenis*, Lisboa, IN-CM, 1993;
9. LAGRÉE, J. C. E LEW-FAI, P. (ED.), *La Jeunesse en Questions*, Paris, La Documentation Française, 1983;
10. MUNCIE, JOHN, *The Trouble with Kids Today*, Londres, Hutchinson, 1984;
11. DUBET, F., *La Galère: Jeunes en Survie*, Paris, Ed. Fayard, 1987;
12. DUBET, F., *Les Quartiers d'Exil*, Paris, Ed. du Seuil, 1992;
13. EHRENBERG, A. (Ed.), *Individus sous Influence. Drogues, Alcools, Produits Psychotropes*, Paris, Ed. Esprit, 1991;
14. EHRENBERG, A. (Ed.), *Drogues, Politiques et Société*, Paris, Editions Descartes, 1992;
15. CASTEL, R. (Ed.), *Les Sorties de la Toxicomanie. Types, Trajectoires, Tonalités*;
16. DONZELOT, J., *Face à l'Exclusion*, Paris, Éditions Esprit, 1991;
17. MARCELLI, D. e BRACONNIER, A., *Psychopathologie de l'Adolescent*, Paris, Masson, 1992.